

Abordando questões centrais no debate sobre a utilidade de Foucault para a política, incluindo sua rejeição às normas universais, sua concepção de poder e saber-poder, sua aparente posição contraditória sobre a subjetividade e sua resistência em usar a identidade como uma categoria política, a autora argumenta que Foucault emprega uma concepção de subjetividade corporificada adequada ao feminismo. Ela aplica a noção de práticas de si de Foucault às práticas feministas contemporâneas, como a conscientização e a autobiografia, e conclui que a ligação entre a transformação de si e a transformação social que Foucault teoriza como a ligação entre a subjetividade e o institucional e as normas sociais é crucial para a teoria e política feminista.



Foucault, Feminismo e Subjetividade

Margaret A. McLaren

Margaret A. McLaren

Foucault, Feminismo e Subjetividade



intermeios

entre Bêbados

Editora Intermeios
Rua Valdir Niemeyer, 75 – Sumarezinho
CEP 01257-080 – São Paulo – SP – Brasil
Fone: 2338-8851 – www.intermeioscultural.com.br

FOUCAULT, FEMINISMO E SUBJETIVIDADE

TÍTULO ORIGINAL:

FEMINISM, FOUCAULT AND EMBODIED SUBJECTIVITY

PUBLICADO SOB LICENÇA DA SUNY

© 2002 STATE UNIVERSITY OF NEW YORK (SUNY)

© 2016 TRADUÇÃO BRASILEIRA: EDITORA INTERMEIOS LTDA.

TRADUÇÃO: NEWTON MILANEZ

© MARGARET A. McLAREN

1ª EDIÇÃO: AGOSTO DE 2016

Editoração eletrônica, produção INTERMEIOS – CASA DE ARTES E LIVROS
Revisão ARTHUR CESAR MATUCK
Capa INTERMEIOS – CASA DE ARTES E LIVROS
Imagem da capa CLAUDIA AMORIM

CONSELHO EDITORIAL

VINCENT M. COLAPIETRO (PENN STATE UNIVERSITY)
DANIEL FERRER (ITEM/CNRS)
LUCRÉCIA D'ALESSIO FERRARA (PUCSP)
JERUSA PIRES FERREIRA (PUCSP)
AMÁLIO PINHEIRO (PUCSP)
JOSETTE MONZANI (UFSCAR)
ROSEMEIRE APARECIDA SCOPINHO (UFSCAR)
ILANA WAINER (USP)
WALTER FAGUNDES MORALES (UESC/NEPAB)
IZABEL RAMOS DE ABREU KIRIL
JACQUELINE RAMOS (UFS)
CELSO CRUZ (UFS) – *IN MEMORIAM*
ALESSANDRA PAOLA CARAMORI (UFBA)
CLAUDIA DORNBUSCH (USP)
JOSÉ CARLOS VILARDAGA (UNIFESP)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

- M161 McLaren, Margaret A.
Foucault, feminismo e subjetividade / Margaret A. McLaren. – São Paulo:
Intermeios, 2016. (Coleção Entregêneros).
284 p.; 16 x 23 cm.
Título original: *Feminism, Foucault, and embodied subjectivity* / New York:
SUNY, 2002.
ISBN 978-85-8499-061-0
1. Filosofia. 2. Sociologia. 3. Psicologia Social. 4. Relações de Gênero.
5. Feminismo. 6. Subjetividade. 7. Foucault, Michel (1926 – 1984). 8. Corpo.
9. Sexualidade. I. Título. II. Série. III. O feminismo e o debate sobre Foucault:
apostas, questões, posições. IV. Foucault, feminismo e normas. V. Foucault e o sujeito
do feminismo. VI. Foucault e o corpo: uma reavaliação feminista. VII. Políticas de
identidade: sexo, gênero e sexualidade. VIII. Práticas de si: da transformação de si à
transformação social. IX. Intermeios – Casa de Artes e Livros.

CDU 101
CDD 100

Catalogação elaborada por Ruth Sinão Paulino

Sumário

AGRADECIMENTOS	7
CAPÍTULO 1. O FEMINISMO E O DEBATE SOBRE FOUCAULT: APOSTAS, QUESTÕES, POSIÇÕES	11
CAPÍTULO 2. FOUCAULT, FEMINISMO E NORMAS	33
PÓS-MODERNISMO E POLÍTICA	34
CRÍTICAS FEMINISTAS	38
GENEALOGIA COMO CRÍTICA	47
PROBLEMAS COM O PODER	54
O CETICISMO DE FOUCAULT	60
CONCLUSÃO: FOUCAULT E A RESISTÊNCIA FEMININA	68
CAPÍTULO 3. FOUCAULT E O SUJEITO DO FEMINISMO	75
CRÍTICAS FEMINISTAS	77
O DESAFIO DE FOUCAULT À SUBJETIVIDADE	79
A RECUSA DE FOUCAULT	84
A GENEALOGIA DO SUJEITO DE FOUCAULT	88
ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA: A VIDA COMO OBRA DE ARTE	93
O SUJEITO FEMINISTA RELACIONAL	101
CONCLUSÃO	106

Finalmente, sou imensamente grata a meu parceiro, Chuck Weise, por sua fé incontestável na minha capacidade de completar este projeto e por sua compreensão, paciência e apoio enquanto eu o realizava.

Dedico este livro a Julie Rolston (1960-1996) pela dádiva de sua amizade e inspiração de sua vida.

Capítulo 1

O Feminismo e o Debate sobre Foucault: Apostas, Questões, Posições

As feministas tendem a discordar quanto à utilidade do trabalho de Foucault para a teoria e a prática feministas. Algumas advogam um feminismo foucaultiano, enquanto outras propõem que as presunções subjacentes ao feminismo são antitéticas à sua estrutura teórica.¹ A discussão sobre a utilidade ou não do trabalho dele para o feminismo está situada no grande debate sobre a compatibilidade de uma abordagem pós-moderna com uma política emancipatória, progressiva.² Proponentes do pós-modernismo o veem como essencial a uma política progressista, alegando que as noções tradicionais de unidade, direitos e liberdade política carregam implicações normativas que desconsideram certas questões sobre quem está incluído no processo político e que tal desconsideração pode resultar em exclusão sistemática. Proponentes de políticas progressistas, por outro lado, consideram o pós-modernismo como empecilho à possibilidade de uma política progressista, emancipatória, principalmente por sua rejeição de conceitos normativos.³ Em um artigo intitulado "Por que o pós-estruturalismo é um beco sem saída para o pensamento progressista", Barbara Epstein alega que "as hipóteses fundamentais do pós-estruturalismo são conflitantes com as suposições necessárias às políticas radicais".⁴ Particularmente preocupada com o pós-estruturalismo feminista, que ela declara como sendo amoral e "uma campanha contra as estruturas básicas de pensamento e linguagem",⁵ ela não está só em sua condenação do pós-estruturalismo. Muitas feministas compartilham da preocupação de que as abordagens pós-modernista e pós-estruturalista estão em desacordo com políticas progressivas em geral e com as políticas feministas em particular. Somer Brodribb diz: "O pós-modernismo exulta

o esquecimento e a desconexão femininas; ele não tem um modelo para a aquisição de conhecimento, para estabelecer conexões, para comunicações ou para tornar-se global, o que o feminismo tem feito e vai continuar fazendo".⁶ A maioria dos ataques feministas ao pós-modernismo incluem o trabalho de Michel Foucault e alguns o estabelecem como representante principal do pensamento pós-moderno.

As feministas advertem contra o uso de Foucault em termos inequívocos. Toril Moi, por exemplo, diz: "o preço a se pagar por acatar seu (de Foucault) poderoso discurso é nada menos do que a despolitização do feminismo".⁷ Da mesma forma, Nancy Hartsock diz: "teorias de pós-estruturalismo, tais como as estimuladas por Michel Foucault, falham em fornecer uma teoria de poder para as mulheres".⁸ E Linda Alcoff alerta que "uma apropriação indiscriminada de Foucault por teóricos feministas é imprudente".⁹ Mas o que há assim de tão perigoso para as feministas na apropriação das teorias de Foucault?, alguém poderia questionar. Em geral, críticos feministas receiam que sua rejeição às normas enfraqueça a possibilidade do feminismo como um movimento político emancipatório. Essa rejeição, combinada à sua visão de que a verdade e o conhecimento são sempre produzidos dentro de uma rede de relações de poder, leva muitos a o acusarem de relativismo e niilismo. Para eles também é inquietante que a consideração do filósofo sobre subjetividade não permita ação e resistência. Críticos acreditam que sua rejeição a um sujeito unificado e sua visão de que a subjetividade é produzida dentro de relações de poder resultam em um conceito do sujeito totalmente determinado por forças sociais. Um sujeito incapaz de ação moral e política só pode resultar em quietismo, dizem os críticos. E, finalmente, algumas feministas criticam especificamente a concepção de poder de Foucault.¹⁰ Elas proclamam que sua concepção de que "o poder está em todo lugar" não permite distinguir a (diferença entre os dominadores e os dominados.) Uma concepção de poder que possa contribuir para a assimetria de relações de poder entre gêneros é essencial para o feminismo. Dadas as reservas ao trabalho do autor, por que deveriam as feministas se interessar por sua teoria, afinal?¹¹

Ironicamente, os que discutem que as ideias de Foucault podem ser interessantes para o feminismo se focam em muitas das mesmas questões que as feministas que criticam o pensador, como sua rejeição de metanarrativas e uma estrutura normativa, sua noção de poder e sua crítica dos modelos filosóficos tradicionais de subjetividade. Na introdução da antologia

Feminismo e Foucault, Irene Diamond e Lee Quinby identificam quatro convergências entre os projetos teóricos de feminismo e Foucault; ambas identificam o corpo como um ponto de poder, veem o poder como local, enfatizam o discurso e criticam o privilégio do masculino e sua proclamação dos universais no humanismo ocidental. Algumas feministas partidárias de Foucault veem seu anti-humanismo, sua rejeição a metanarrativas e normas universais e seu desafio à noção de uma subjetividade unificada como passos necessários em direção a políticas de diversidade e inclusão. E muitas feministas acham a concepção de poder de Foucault – como uma rede e que opera por meio de discursos, instituições e práticas – benéfica para a compreensão das formas como o poder opera localmente, no corpo e através de práticas particulares.¹³

(!) Devo argumentar que as ideias de Foucault sobre o corpo, poder e subjetividade podem fornecer importantes fontes teóricas para feministas. Detenho-me na contribuição da noção de subjetividade corporificada e historicamente constituída e trato das críticas feministas às ideias do filósofo sobre normas, subjetividade, o corpo, identidade e poder, demonstrando que ideias úteis a respeito de críticas sociais, prática política e subjetividade podem ser extraídas de sua obra. As críticas feministas ao pensador têm se focado em seu trabalho genealógico. Uma leitura de Foucault que remete a essas críticas feministas de seu trabalho genealógico e as relações entre seu trabalho genealógico e seu trabalho posterior serão temas explorados. As feministas prestaram relativamente muito pouca atenção à sua obra posterior. Para remediar isso, dou especial atenção a seus últimos livros, *O Uso dos Prazeres: A História da Sexualidade Vol. 2* e *O Cuidado de Si: A História da Sexualidade Vol. 3*, bem como a alguns ensaios e entrevistas. Entretanto, contrariando outras interpretações feministas de Foucault, vejo essa obra posterior não como um abandono da anterior ou um retorno aos valores do Iluminismo, mas como uma continuação de seu projeto anterior de pensar através de uma nova concepção de subjetividade que é corporificada e se manifesta por meio de práticas. Essas práticas tanto permitem quanto restringem, além de a liberdade ser tida como situada dentro de matrizes materiais, institucionais e disciplinares. Concluo mostrando que sua ideia de práticas de si pode ser aplicada às práticas feministas contemporâneas.

A essa altura, uma visão geral da obra de Foucault pode vir a ser útil. Seu trabalho geralmente é dividido em três fases: arqueológico, genealógico e ético. Essas três abordagens correspondem, grosso modo,

a uma ordem cronológica de anterior (arqueológico), meio (genealógico) e posterior (ético).¹⁴ Suas arqueologias incluem *O Nascimento da Clínica*, *As Palavras e as Coisas* e *A Arqueologia do Saber*. Arqueologia se refere ao método utilizado por Foucault nesses trabalhos anteriores. O método arqueológico tenta revelar os limites inconscientes de pensamento e saber; ele investiga as estruturas que sublinham o pensamento e tornam possíveis tipos particulares de saberes em momentos históricos específicos. Essas estruturas são formações discursivas, chamadas por Foucault de "epistemes", que governam o que pode ser dito. A arqueologia examina como novas disciplinas emergem e como ocorrem as mudanças no entendimento. Em *O Nascimento da Clínica*, por exemplo, Foucault investiga a mudança no entendimento médico de doenças da nosologia, que se fiava em categorias e essências, à anatomia patológica, baseando-se, por sua vez, em sinais específicos e locais e efeitos visíveis da doença no corpo. A arqueologia como método é estática porque busca simplesmente desvendar as estruturas do racionalismo que tornam tais mudanças compreensíveis ou o surgimento de novas disciplinas possível. O primeiro objeto de análise nas arqueologias é o saber. Suas obras genealógicas são *Vigiar e Punir* e *A História da Sexualidade Vol. 1*. O método genealógico difere do arqueológico de várias maneiras; ele é dinâmico, não estático; é orientado para práticas e discursos; e apresenta uma dimensão de poder. Genealogias são histórias locais e específicas. Mas, ao contrário de histórias tradicionais, genealogias são focadas em descontinuidades e rupturas, em vez de continuidades. Por causa desse foco na descontinuidade, as genealogias de Foucault desafiam a noção de progresso. Elas revelam a contingência envolvida no desenvolvimento de práticas e instituições. Em *Vigiar e Punir*, por exemplo, ele foca nas mudanças na punição de criminosos, traçando a mudança de execução para encarceramento. O método genealógico levanta questões sobre como as práticas, instituições e categorias atuais vieram a tornar-se o que são. É essencialmente em seu trabalho genealógico que ele desenvolve sua concepção de poder, o que discuto em detalhes no capítulo 2. Para Foucault, o poder não é unilateral; não é negativo; e não é possuído por um indivíduo ou um grupo de indivíduos. O poder pode ser positivo e produtivo; é uma relação, não uma coisa. Embora suas genealogias tracem a história de práticas e instituições específicas, muitos de seus discípulos consideram o poder como o tema central nas genealogias. Como podemos ver, sua nova concepção de poder atraiu a crítica de algumas feministas.

ainda que tenha sido útil para outras análises feministas. A maioria dos embates feministas com o pensador é focada em sua obra genealógica.

Antes de sua morte precoce, a atenção de Foucault voltou-se para questões éticas. Assim, ele geralmente se refere à terceira fase de sua obra como sendo ética, ou posterior. A obra ética inclui o segundo e o terceiro volumes da série *A História da Sexualidade*, respectivamente, *O Uso dos Prazeres* e *O Cuidado de Si*, bem como alguns ensaios e entrevistas significativas, notadamente "Sobre a Genealogia da Ética: Uma Visão Geral de um Trabalho em Andamento", "O Sujeito e o Poder", "A Ética do Cuidado de Si como Prática da Liberdade" e "Técnicas de Si".¹⁵ É amplamente sabido que a obra ética de Foucault lida com a subjetividade; especificamente, é nessa obra posterior que ele explora a constituição ativa do sujeito, ou o que ele chama de o trabalho do eu sobre o eu. Os volumes 2 e 3 de *A História da Sexualidade* examinam as éticas sexuais e as práticas sociais das antigas Grécia e Roma. Foucault observa que o princípio do cuidado de si tinha um papel significativo na cultura grega. O cuidado de si tinha como objetivo a produção de autocontrole e era alcançado por meio de várias práticas sociais, incluindo meditação, redação, atividades físicas, expressão de verdades e autoavaliação. Foucault argumenta que é através dessas práticas, ou técnicas do eu, que a subjetividade ética era constituída na Antiguidade. Em seu trabalho posterior, ele também elabora a sua noção de poder, fazendo algumas distinções bastante convenientes entre poder e dominação. Alguns de seus leitores acreditam que as três fases da obra do autor, que esquematizei acima, revelam inconsistências em suas ideias. De fato, as três fases não são apenas cronologicamente distintas, cada uma é marcada por um método diferente: arqueológico, genealógico e ético, e ostensivamente um assunto diferente: saber, poder e o sujeito. Embora o próprio Foucault tivesse pouco compromisso com a consistência, acreditando que uma pessoa pudesse ser transformada através da escrita, ele oferece, em entrevistas mais recentes, algumas pistas de como interpretar sua obra. Ele sugere que suas obras lidam com questões sobre saber, poder e o sujeito, não sequencialmente, mas simultaneamente. Ele está, na verdade, interessado na relação entre elas. Além disso, apesar dos diferentes métodos usados e das mudanças de ênfase do saber para o poder, para o sujeito, a subjetividade é o tema sublinhado em sua obra. Suas obras arqueológicas desafiam o sujeito do humanismo. Ele mostra que o sujeito racional unificado não pode ser pressuposto, mas que, ao contrário,

essa ideia de subjetividade é resultado de práticas linguísticas e formações discursivas particulares. Suas obras genealógicas desenvolvem sua noção de poder em relação à subjetividade. Ele articula o modo como o poder opera sobre indivíduos através de regras sociais, práticas e instituições, e em suas obras éticas sua preocupação com a subjetividade é bastante explícita: nelas ele está preocupado com a ativa autoconstituição do eu. O próprio Foucault declara que o tema da subjetividade está presente ao longo de todo o seu trabalho e que, portanto, suas obras não devem ser vistas como descontinuas ou inconsistentes. "Meu objetivo, em vez disso, tem sido criar uma história de diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, seres humanos são transformados em sujeitos. Meu trabalho lida com três modos de objetificação que transformam seres humanos em sujeitos... Assim, não é o poder, mas o sujeito, o tema geral da minha pesquisa."¹⁶ Neste livro, sigo as sugestões de Foucault e ofereço uma leitura de sua obra focando nas contribuições dadas por ele no repensamento da subjetividade.

Até agora tenho usado os termos *feminismo* e *feminista* de maneira bastante genérica, divididos apenas entre as críticas feministas de Foucault e as feministas que advogam a favor dele. Mas, como qualquer um que esteja familiarizado com o feminismo sabe, o feminismo é uma orientação teórica que inclui uma ampla gama de posições e visões. Além disso, há uma variedade de maneiras de categorizar diferentes abordagens feministas. Não obstante, todas as teorias feministas são políticas. Um autor coloca desta forma: "a teoria feminista não é uma, mas várias teorias ou perspectivas e cada teoria feminista ou tentativas de perspectiva para descrever a opressão da mulher, explicar suas causas e consequências e traçar estratégias para a liberação da mulher".¹⁷ Todas as teorias feministas, então, começam com a opressão ou subordinação da mulher e todas têm como meta liberar a mulher de sua subordinação. Considerando que a maioria das feministas que criticam Foucault o fazem com base no que veem como implicações políticas de sua teoria, meu foco aqui é explicitamente nas teorias feministas políticas. Outro motivo para tal foco é meu interesse na recepção de Foucault pelas feministas norte-americanas. Parte do que está em jogo em debates sobre a utilidade das ideias do pensador ou do pós-modernismo, mais genericamente para a teoria feminista, é o direcionamento da própria teoria feminista. Algumas feministas reclamam que as abordagens pós-modernas são meramente exercícios acadêmicos solipsistas em língua elitista que separam a teoria da prática e têm pouco

a ver com as lutas das mulheres no mundo real. Parte do que espero fazer neste livro é demonstrar algumas coincidências nas referências e abordagens de feministas e Foucault e mostrar que há aplicações práticas de suas ideias na promoção de objetivos feministas. Para ajudar a separar as questões e posições no debate Foucault/feminismo, começo expondo algumas importantes posições feministas. Explico brevemente as hipóteses e pontos principais do feminismo liberal, feminismo radical, feminismo marxista, feminismo socialista, feminismo multicultural e feminismo global.¹⁸ Também discuto resumidamente a abordagem da teoria feminista crítica social e a abordagem do feminismo pós-moderno.

✱ O feminismo liberal é caracterizado por seu foco na igualdade. Considera-se que homens e mulheres possuam as mesmas capacidades racionais. Com base nisso, as feministas liberais argumentam que homens e mulheres devem ser tratados com igualdade. Se forem dadas às mulheres as mesmas oportunidades educacionais, ocupacionais e políticas, continua o argumento, elas atingiriam seu verdadeiro potencial e não mais seriam subordinadas aos homens. Associado a Mary Wollstonecraft no século XVIII e a John Stuart Mill e Harriet Taylor Mill no século XIX, o feminismo liberal tem uma longa história. O feminismo liberal dá grande importância à racionalidade, autonomia e escolha. As feministas liberais veem a razão e a racionalidade como a característica quintessencial, fundamental para a autonomia moral e política. A exclusão da mulher da esfera pública, entretanto, pode inibir sua capacidade de desenvolver e exercitar plenamente sua racionalidade. Portanto, defendem a total participação política e igualdade legal para as mulheres e acreditam que a inclusão total da mulher na vida pública resultará na igualdade entre homens e mulheres. Como a teoria política tradicional, o feminismo liberal se fia na noção de direitos. As feministas liberais advogam trabalhando em instituições legais, políticas e econômicas existentes. Com o intuito de alcançarem paridade às mulheres, elas apelam para noções como autonomia, direitos, liberdade e igualdade. Martha Nussbaum contrasta explicitamente a posição feminista liberal com uma visão que atribui a Foucault,¹⁹ criticando os intelectuais franceses por sua política anêmica e culpando-os pela ideia de que o discurso insidioso se iguala à resistência política. Ela contrasta tal visão com a visão de que mudanças políticas e sociais em larga escala serão alcançadas através da lei e de movimentos políticos de massa. Alega que interpretações das ideias de Foucault

levaram à "ideia fatalista de que somos prisioneiros de uma estrutura de poder totalmente envolvente e que movimentos de reforma da vida real geralmente acabam servindo ao poder de modos novos e insidiosos".²⁰ Nussbaum ataca o feminismo foucaultiano de Judith Butler, argumentando que as feministas jovens norte-americanas, influenciadas por Butler, abdicam da política e aderem ao quietismo. Ela receia que as ideias de intelectuais franceses debilitem o que ela chama de "políticas feministas no velho estilo" e sua preocupação com a realidade material, alegando que a visão de resistência mantida pelos intelectuais franceses é pessoal e particular e não promove mudanças legais, institucionais ou materiais. Finalmente, culpa Butler – e por extensão, Foucault – por manterem uma "visão estreita das possibilidades de mudança".²¹ Crê que essa visão estreita resulta em pessimismo e passividade. Como outras críticas feministas, ela se foca na visão de poder de Foucault, sua noção de sujeito e sua rejeição a normas.

Não é surpreendente, dada a crítica de Foucault aos valores humanistas, que o liberalismo personifique a ideia de que as feministas liberais consideram a obra do filósofo antitética ao projeto delas. Sua rejeição às normas universais, sua suspeita relativa a concepções teleológicas da história que implicam o progresso, sua rejeição a uma noção de subjetividade como consciência unificada e sua rejeição à concepção liberal tradicional de poder contradizem os princípios fundamentais do liberalismo. Apesar de sua acusação ao humanismo e liberalismo, Foucault reconhece a necessidade de uma variedade de práticas e estratégias políticas, incluindo apelos aos direitos humanos e à liberdade. Como pretendo demonstrar, o pensador defende o engajamento político voltado à diminuição da dominação e ao aumento da liberdade e endossa várias estratégias políticas.

* O feminismo radical é focado nas diferenças da mulher para o homem. As feministas radicais admitem que há diferenças biológicas significativas entre homens e mulheres.²² A primeira e mais importante é a diferença na capacidade reprodutiva; mulheres podem gerar filhos, homens não. Enquanto antigas feministas radicais viam a capacidade de a mulher gerar filhos como um possível impedimento à sua liberação completa, as radicais feministas posteriores celebram a capacidade reprodutiva da mulher.²³ Para as feministas radicais, a associação das diferenças das mulheres para os homens vai além da capacidade de gerar filhos; elas focam no corpo e nas questões de sexualidade, violência contra a mulher e saúde da mulher,

bem como a reprodução. Defendem o desenvolvimento de instituições que atendam às necessidades da mulher. Foi especialmente devido à influência do feminismo radical nos Estados Unidos no final dos anos 1960 e início dos 1970 que instituições como centros de atendimento a estupros, abrigos para mulheres violentadas e centros de saúde da mulher foram fundados. Além disso, elas iniciaram campanhas educativas e movimentos de protestos, por exemplo, contra a pornografia.²⁴ Ao contrário das liberais, as feministas radicais acreditam que as instituições existentes devem ser drasticamente alteradas e que novas instituições precisam ser desenvolvidas para que as mulheres possam superar sua subordinação.

Além do seu foco no corpo, as feministas radicais enfatizam a importância da linguagem. Obviamente, a linguagem não sexista vai, de alguma forma, na direção da promoção da paridade entre mulheres e homens, como até mesmo as feministas liberais concordariam. Mas as radicais vão mais longe; elas examinam os limites da linguagem para a articulação da experiência feminina. Algumas alegam que a linguagem é em si falocêntrica, um sistema construído pelo homem representando a experiência masculina. Assim, para representar a experiência da mulher, novas palavras, e talvez toda uma nova língua, são necessárias. Por meio de novas palavras e de uma nova língua, as mulheres podem nomear sua experiência. Nomear identifica e torna concretas experiências que não eram representadas na cultura dominante. As feministas radicais reconhecem o poder da língua e insistem em que as feministas revejam e reconsiderem palavras com conotações depreciativas que desvalorizam a mulher, como solteirona, bruxa e "jaburu".²⁶ Elas acreditam que a linguagem não apenas descreve a realidade, mas a cria. Palavras e imagens são potenciais transmissores de valores sociais e culturais. Acreditam que todas as instituições existentes, políticas, legais, econômicas, sociais, culturais e médicas precisam ser radicalmente transformadas. Lutar pela igualdade entre homens e mulheres, fundamentada na uniformidade, continuará colocando, sistematicamente, a mulher em desvantagem porque há diferenças fundamentais entre homens e mulheres.²⁷ Pensam também que o poder patriarcal não está localizado apenas nas instituições políticas e legais. Algumas escreveram sua própria história mostrando como os homens usurparam o poder da mulher, por exemplo, através da medicalização do parto.²⁸ O poder masculino sobre as mulheres não está restrito à esfera de política, leis e economia, mas permeia cada aspecto

da vida, incluindo a construção do conhecimento. Para o feminismo radical, o patriarcado, a dominação sistemática da mulher pelo homem, é a característica fundamental da organização social. As feministas radicais acreditam, como as feministas liberais, que as mulheres devem ter igual acesso a meios e oportunidades para que consigam superar sua subordinação. Entretanto, igualdade de acesso não é suficiente; as próprias instituições devem passar por mudanças para cumprir com as perspectivas e experiências das mulheres. E as instituições que servem especificamente às necessidades da mulher devem ser desenvolvidas e mantidas. Para elas, o sistema de sexo/gênero é a causa fundamental da opressão à mulher.

As feministas radicais também veem seus interesses e objetivos em oposição a uma abordagem pós-moderna, pós-estruturalista ou desconstrutivista. Mais uma vez, as razões para isso são várias: tentativas pós-modernas de desconstruir categorias conflitam com a dependência do radicalismo feminista do sexo e do gênero como categorias fundamentais de opressão. E os desafios pós-modernos de identificação e unidade ameaçam minar o conceito de mulher sobre o qual se fia o feminismo radical. Essa abordagem desconstrutiva falha no fornecimento de qualquer direção para as mudanças positivas buscadas pelas feministas radicais. Finalmente, as feministas radicais consideram as abordagens pós-modernas como abstrações teóricas distantes da vida real, da luta diária das mulheres. De acordo com Somer Brodribb, que oferece uma extensa crítica do pós-modernismo a partir de uma posição feminista radical, "as teorias de discurso de Foucault, e suas teorias de poder, se originam, ambas, de uma noção de estruturas autoconstrutoras e uma concepção do social sem qualquer noção do individual".²⁹ Apesar das críticas do feminismo radical ao pós-modernismo, mostro que há alguma coincidência entre os interesses do mesmo e Foucault. Mais especificamente, ambos rejeitam concepções de poder liberais tradicionais, ambos endossam uma definição ampla do político, ambos focam nas instituições e práticas materiais e ambos reconhecem o poder da linguagem e da representação na configuração da realidade.

*As feministas marxistas veem o capitalismo, mais do que o sistema patriarcal, como a causa fundamental da opressão da mulher. Adotando a visão marxista tradicional, de que a sociedade é estruturada em sistema de classes, algumas feministas marxistas veem as mulheres como uma "classe sexual". No entanto, há um desacordo nesse tradicional entendimento da

posição da mulher. Pelo fato de a mulher estar distribuída em todas as classes econômicas e sociais (frequentemente em virtude de sua ligação com o homem), algumas mulheres têm defendido que é inexato caracterizá-la como uma classe e que o melhor é pensá-las como um sexo oprimido.³⁰ Elas também criticam o sistema patriarcal de casamento que considera a mulher propriedade do homem. Marxistas tradicionais associam a opressão da mulher com o sistema capitalista, o crescimento industrial e o aumento da propriedade privada. Estão de acordo com as feministas no que diz respeito à subordinação das mulheres aos homens, mas elas atribuem isso ao sistema capitalista de propriedade privada, antes que ao próprio sistema de sexo/gênero. Para as feministas marxistas a opressão de classe é a primeira forma de opressão, "sexismo, como o racismo, tem suas raízes no sistema da propriedade privada".³¹

A teoria de ponto de vista feminista emergiu do feminismo marxista. Nancy Hartsock desenvolveu esta visão em seu clássico artigo "A Teoria do Ponto de Vista Feminista",³² que se baseia na noção de Marx de que a classe oprimida atua tanto dentro das regras do opressor quanto dentro dos parâmetros da classe oprimida e, por isso, desenvolve uma consciência elevada. Por entender sua situação de oprimida e compreender o sistema como explorador, a classe oprimida está em uma posição privilegiada no que diz respeito ao conhecimento da realidade da situação. O que proporciona esse privilégio epistêmico à classe oprimida ou grupo marginalizado é sua própria opressão. Nancy Hartsock adapta essa ideia de privilégio epistêmico para as mulheres como um grupo oprimido e desenvolve a ideia de um ponto de vista. Ela diz: "como a vida dos proletários, de acordo com a teoria marxista, a vida das mulheres torna válido um ponto de vantagem particular e privilegiado sobre a supremacia masculina, um ponto de vantagem que pode fundamentar uma crítica poderosa às instituições e ideologias falocráticas que constituem as formas capitalistas de patriarcado".³³ Usando a categoria de trabalho de Marx e baseando a opressão da mulher na divisão sexual do trabalho, Hartsock fornece um argumento convincente para a teoria de ponto de vista feminista. Entretanto, é exatamente essa noção de um ponto de vista unificado e da mulher como um grupo unificado que o feminismo pós-moderno desafia.

O feminismo marxista predominou nos Estados Unidos no final dos anos 1960. Como as feministas radicais, as feministas marxistas acreditavam que as instituições tradicionais precisavam ser radicalmente

reestruturadas. A instituição com mais necessidade de mudanças era, obviamente, a economia. Além da questão de transformar a economia em geral, elas lideraram a campanha "Salário para Trabalhos Domésticos", ressaltando o fato de que a economia depende do trabalho doméstico não pago da mulher. O feminismo marxista subordina questões sobre a mulher e a opressão sexual a uma crítica do capitalismo e da opressão econômica. => Foucault critica explicitamente o marxismo por seu foco particular em economia. Além disso, ele rejeita a noção de progresso histórico, que permeia a teoria de Marx. As feministas marxistas veem a convergência de Foucault no local, específico e concreto como inadequada para explicar a opressão de classe e a subordinação da mulher. Hartsock considera a noção de poder de filósofo como incapaz de consideração para assimetrias universais e sistemáticas de poder, mas há alguns pontos de concordância entre as considerações das feministas marxistas e as do filósofo. Apesar de suas críticas ao marxismo, ele integra questões de classe e considerações econômicas em suas análises históricas. Defendo que essa noção de poder pode contar para uma assimetria sistemática e, conseqüentemente, opressão estrutural. O compromisso de Foucault com a antidominação e com mudanças sociais é aparente em seu trabalho genealógico; este compromisso é compartilhado com as feministas marxistas.

* As feministas socialistas integram o foco do feminismo marxista na economia com o foco radical feminista em sexo.³⁴ Elas não subordinam a opressão sexual ao capitalismo, como fazem as feministas marxistas, nem privilegiam sexo e gênero em detrimento das questões econômicas. Acreditam que tanto a análise marxista quanto a feminista são necessárias na superação da opressão da mulher. No clássico artigo de Heidi Hartmann, "O Infeliz Casamento do Marxismo e do Feminismo: Em Direção a uma União mais Progressiva", ela diz: "... as categorias do marxismo são cegas com relação ao sexo. Somente uma análise especificamente feminista revela o caráter sistêmico de relações entre homens e mulheres. Ainda que a análise feminista por si só seja inadequada porque tem sido cega para a história e insuficientemente materialista".³⁵ As feministas socialistas têm foco na base material das relações sociais e nas formas que elas criam e mantêm o patriarcado. Como as feministas radicais, elas se preocupam com questões de sexualidade e o corpo, como de reprodutividade e questões relativas à violência contra a mulher. Mas elas veem essas questões, e o próprio patriarcado, entrelaçadas às questões

econômicas. Ademais, as feministas socialistas declaram que a liberação da mulher é um objetivo irrealizável em uma sociedade capitalista porque o capitalismo é estruturado na manutenção de papéis sexuais específicos, na tradicional definição de família e nos trabalhos femininos, doméstico e reprodutivo, sem salários. Elas acreditam que a economia tradicional e as instituições sociais precisam ser transformadas, por exemplo a família e o sistema econômico capitalista, vendo essas instituições econômicas e sociais como a base para um sistema patriarcal. Na verdade, elas veem a divisão sexual de trabalho como auxiliar na criação e manutenção de gêneros, por meio da perpetuação de uma divisão funcional baseada em gêneros. Como Hartmann diz, "a estrita divisão de trabalho por sexo, uma invenção social comum a todas as sociedades conhecidas, cria dois gêneros muito separados e uma necessidade de união de homens e mulheres por razões econômicas".³⁶ A divisão sexual de trabalho acontece tanto no lar quanto no setor público. Na esfera doméstica a divisão sexual de trabalho inclui o trabalho reprodutivo, tais como dar à luz e criar filhos e outras tarefas domésticas, como ir às compras, cozinhar e limpar. Na esfera pública, a divisão sexual de trabalho inclui divisões ao longo das linhas de gênero tradicionais, como mais homens em trabalhos manuais que exigem lidar com pesos e mais mulheres no setor de serviços e no trabalho de secretariado em escritórios, os chamados empregos de colarinho rosa. ((A divisão sexual de trabalho cria e reforça as diferenças de gênero. Isso é perpetuado através de uma infinidade de relações sociais – casamento heterossexual; arranjos de família tradicional, incluindo as mulheres como primeiras cuidadoras dos filhos; dependência econômica da mulher e o estado. O feminismo socialista demanda uma mudança nas divisões sexuais de trabalho e nas relações sociais mantidas por tais divisões. Elas conclamam as feministas a se engajarem na luta contra o capitalismo e o patriarcado.³⁷ Sua abordagem integrativa aprimora os focos singulares do feminismo radical e do marxista. Entretanto, não dão atenção suficiente a outras opressões sistemáticas, como as baseadas em etnia, cultura, raça e orientação sexual.³⁸

Mais além, as feministas socialistas ecoam as preocupações das feministas marxistas com relação às ideias de Foucault, argumentando que seu foco em instituições locais inibe uma análise estrutural em larga escala. Preocupam-se com o fato de a noção de poder de Foucault não levar em conta as desigualdades sistemáticas, tais como desigualdades de

classe ou de gênero, afirmando que sua concepção de sujeito não permite ação ou resistência. Faço referência à conexão entre mudança estrutural e mudança individual que está implícita na obra do pensador, demonstrando que, longe de estar em oposição, a mudança social em larga escala e a transformação individual dependem uma da outra. Assim, ao invés de minar o feminismo socialista, as ideias de Foucault podem complementar e realçar sua posição.

* A abordagem de teoria crítica feminista tem algumas similaridades com a feminista socialista; ambas se fiam numa estrutura histórica materialista marxista. A teoria crítica social amplia e adapta a teoria marxista para explicar as inovações culturais e tecnológicas. O proponente contemporâneo da teoria da crítica social mais conhecido é Jürgen Habermas. Como Habermas, os teóricos da crítica social feminista examinam uma vasta gama de instituições sociais, incluindo instituições econômicas, sem se limitarem a elas. Os teóricos feministas da crítica social adicionam uma análise de gêneros à teoria da crítica social, levantando questões sobre o lugar da mulher nessas instituições sociais. Questões de status da mulher, bem como a divisão sexual de trabalho e questões de estrutura familiar e responsabilidades no cuidado dos filhos são ressaltadas pelos teóricos críticos feministas. Eles focam na mudança e reforma institucional, apelando para noções de justiça, liberdade e direitos. Da mesma forma que outras posições feministas discutidas até aqui, os teóricos da crítica social feminista veem a posição pós-moderna como uma ameaça ao feminismo. Seyla Benhabib, uma crítica feminista social contemporânea, alerta: "A posição pós-modernista pensada por meio de suas conclusões pode eliminar não apenas a especificidade da teoria feminista, mas colocar em xeque os próprios ideais emancipatórios dos movimentos feministas como um todo".³⁹ Benhabib dá crédito ao pós-modernismo por focar-se nos excluídos e marginais, observando que as genealogias de Foucault são histórias dos desprivilegiados. Ela também observa que as noções de vigilância e disciplina de Foucault elucidam alguns aspectos desagradáveis da vida política contemporânea. Entretanto, Benhabib compartilha da visão de outras críticas feministas de Foucault de que seu trabalho deixa pouco espaço para ação e resistência. Ela diz: "para Michel Foucault não há história das vítimas, mas apenas uma história da construção da vitimização... para Foucault todo ato de resistência não passa de uma outra manifestação de um complexo de discurso-poder onipresente..."⁴⁰

Embora os teóricos críticos sociais feministas reconheçam que os conceitos de poder, disciplina e vigilância e Foucault descrevem apropriadamente alguns aspectos da sociedade contemporânea, eles hesitam em endossar o pós-modernismo ou abraçar mais amplamente suas ideias.

* O feminismo multicultural tenta se referir à negligência de raça, etnia e cultura evidente em abordagens feministas anteriores. Embora algumas dessas outras abordagens possam acomodar essas questões, elas são seu foco principal. Como o feminismo socialista, o feminismo multicultural é uma abordagem integrativa que analisa os meios nos quais a opressão é interativa e específica, ao invés de aditiva. A identidade de gênero é formada dentro do contexto de identidades raciais, culturais e étnicas específicas. As feministas multiculturais apontam as formas que, ao ignorar ou minimizar as questões de raça, outras abordagens feministas assumem uma perspectiva branca. Elas incitam as feministas brancas a reconhecerem o viés na teorização feminista dominante, e a priorizarem questões de raça, etnia e cultura. Com o argumento de que as opressões são interligadas e interativas, ao invés de separadas e discretas, as feministas multiculturais articulam as formas em que gênero, orientação sexual e classe são mediados por raça, etnia e cultura. Sua abordagem leva em conta várias formas de opressão e a especificidade da experiência feminina. O feminismo multicultural examina o aspecto estrutural das opressões e a particularidade de identidade; ele desafia as normas implícitas e modelos monísticos de identidade implícitos nas teorias feministas anteriores.

Algumas feministas multiculturais consideram a teoria pós-moderna útil ao desafio das normas universais e a aplaudem por seu foco na diferença, ao invés da mesmice. Elas pensam que a ênfase em práticas locais e saberes subjugados dão voz aos marginalizados e menos poderosos. Isso reforça a atenção às experiências e vidas de mulheres negras que têm sido marginalizadas, não apenas na sociedade em geral, mas também dentro do próprio feminismo. Porém, algumas feministas, preocupadas com questões de raça, questionam a relevância da teoria pós-moderna e sua capacidade de lidar com realidades concretas e materiais de raça e opressão sexual. Em seu artigo clássico, "A Raça para Teoria", Barbara Christian expressa suas reservas quanto à crítica literária pós-moderna. "Meu receio é de que quando a teoria não tem raízes na prática, ela se torna prescritiva, elitista."⁴¹ Cautelosas com a teoria que universaliza e negligencia a particularidade, as feministas multiculturais acreditam que teorias devem ser fundamentadas

em práticas e devem considerar as diversas experiências de mulheres de diferentes raça, etnia, cultura e classe.

* O feminismo global estende a análise feminista para além de sua visão frequentemente limitada a países industrializados no mundo ocidental. Ele tem como meta incluir questões de mulheres de todo o mundo. A perspectiva feminista global inclui uma análise das opressões estruturais baseada em classe, gênero, orientação sexual, raça e etnia mencionada anteriormente, mas reconhece as realidades históricas e sociais do colonialismo e do imperialismo. A perspectiva pós-colonial, ou imperialista, examina o impacto da capital transnacional e seu efeito na economia e na cultura, especialmente nos chamados "países em desenvolvimento".⁴² A perspectiva mais ampla do feminismo global leva em conta ambas as interconexões e a diversidade de subordinação feminina. Dentro dessa perspectiva há abordagens divergentes na análise da subordinação feminina. Algumas feministas globais que exploram questões de capital transnacional, imperialismo cultural, representação e identidade têm julgado a teoria pós-moderna útil. Outras, que adotam uma abordagem empírica ou que se preocupam com os direitos universais, discordam da posição relativista associada ao pós-modernismo.

=> Cada abordagem feminista discutida até aqui tem uma orientação política explícita. O conceito primordial é superar a subordinação da mulher. Apesar das várias e às vezes conflitantes suposições das posições feministas discutidas, há coisas em comum entre elas. Primeiro, por ser o feminismo um movimento social e político devotado à superação da subordinação feminina, a teoria feminista pode fornecer recursos para mudanças sociais e políticas. Esses recursos podem incluir ferramentas para análise crítica e programas positivos para mudanças. Implícitos neste compromisso estão outros dois compromissos feministas importantes; o de que tem de haver um relacionamento entre teoria e prática e o de que a teoria deve ser relevante para a experiência. Esses dois critérios são necessários para que a teoria feminista tenha efeito sobre as mudanças sociais e políticas; devem ser relevantes para as vidas presentes e concretas de mulheres reais. Devem ser capazes de informar e refletir nossa experiência. Correlativamente, a teoria feminista deve surgir da prática, ao invés de imposições. Quando esta falha na consideração das práticas materiais e da vida concreta das mulheres, ela se arrisca a se tornar um exercício vazio em linguagem elitista. Finalmente, o feminismo está compromissado com a inclusão,

igualdade e democracia. Assim, a teoria feminista deve ser acessível a tantas mulheres quanto possível. Embora haja importantes diferenças entre as posições liberal, radical, marxista, socialista, teórica crítica social, multicultural e global, todas reconhecem o aspecto estrutural da opressão e cada abordagem sucessiva integra eixos adicionais de opressão, resultando em uma abordagem complexa e variada para o entendimento do impacto da opressão na vida das mulheres em toda sua diversidade e complexidade. As últimas duas abordagens, o feminismo multicultural e o global, desafiam algumas hipóteses normativas implícitas a respeito de quem está incluído no escopo da teoria feminista.

O feminismo pós-moderno levanta questões similares sobre a função normativa de um conceito de identidade singular, unificado e quem está incluído no escopo da teorização feminista.⁴³ Embora sempre criticadas por serem apolíticas, algumas feministas pós-modernas dizem que uma abordagem que desafia as normas tradicionais e modelos unificados de identidade é essencial para uma política progressiva. A dissidência entre feministas pós-modernas, muitas das quais se apoiam extensivamente na obra de Michel Foucault e as abordagens feministas explicitamente políticas, esboçadas acima, é a questão que sublinha o resto deste livro. As feministas críticas de Foucault negam categoricamente que a obra dele possa ser útil para políticas emancipatórias, incluindo políticas feministas. Apesar dessa rejeição, algumas feministas que usam ou aplicam Foucault para propósitos feministas entendem que sua obra pode ser politicamente útil. Meu objetivo é explorar essas tensões entre as próprias feministas e entre as feministas e Foucault, demonstrando que sua obra fornece recursos para articular uma noção de subjetividade que é corporificada e constituída historicamente e através de relações sociais; e que esse eu social, corporificado, é capaz de ação política e moral.⁴⁴ Dou atenção especial às suas obras genealógicas e a seu trabalho posterior sobre ética e o eu. O restante deste capítulo fornece uma visão geral do debate feminista sobre Foucault.

Não há acordo entre as feministas sobre a utilidade da obra de Foucault para a teoria e a prática feministas. Dividirei o envolvimento feminista com o pensador em quatro grupos: críticas acirradas; críticas moderadas; aquelas que usam, ampliam ou aplicam aspectos de seu projeto, mas com sérias reservas quanto ao mesmo como um todo; e feministas foucaultianas que assumem aspectos centrais da obra de Foucault ou aplicam uma

FOUCAULT

estrutura foucaultiana com mínimas reservas ou críticas.⁴⁵ Críticas acirradas repreendem sua obra em pelo menos um aspecto, como sua concepção de poder, sua noção de subjetividade ou sua falta de estrutura normativa. Elas afirmam que o pensador e o feminismo são antitéticos e alertam as feministas contra ele. Críticas moderadas acham que um ou mais aspectos de sua obra podem ser úteis ao feminismo. As que usam e ampliam aplicam em desacordo com as metas do feminismo. As que usam e ampliam aplicam a obra de Foucault à experiência feminina. Isso tem sido especialmente útil para iluminar aspectos físicos da opressão da mulher usando os conceitos foucaultianos de disciplina, biopoder, poder e normas sociais. Finalmente, as feministas foucaultianas adotam a maioria das ideias do filósofo para propósitos feministas ou as aplicam às questões feministas.

As críticas feministas de Foucault, tanto as convictas quanto as moderadas, tendem a focar em sua concepção do sujeito, sua rejeição às normas e sua noção de poder. Discuto as objeções feministas à falta de uma estrutura normativa de Foucault no capítulo 2 e explico sua noção de poder para tentar remediar uma má interpretação generalizada da mesma. No capítulo 3, falo sobre as inquietações feministas com a noção de sujeito do filósofo. Algumas feministas o acusam de abolir o sujeito, enquanto outras tentam acusá-lo de oferecer apenas um sujeito passivo, sobredeterminado, incapaz de ação moral ou política. Demonstro que o pensador rejeita uma noção específica do sujeito, aquela da filosofia moderna, e que ele oferece, em vez disso, um entendimento do sujeito como social e historicamente constituído e corporificado. Contraponho as sugestões críticas de que o sujeito nas obras posteriores de Foucault é individualista e meramente estético, mostrando que o sujeito social, relacional e corporificado embutido em práticas culturais e institucionais específicas encontradas em suas obras são compatíveis com os objetivos feministas.

No capítulo 4, explico a noção de corpo em Foucault. As feministas têm acusado Foucault de androcentrismo porque ele não dá atenção às práticas disciplinares de gêneros específicos ou ao impacto que a diferença sexual pode ter na formulação de uma teoria do corpo. Apesar do androcentrismo de Foucault, as feministas têm usado com sucesso sua obra para esclarecer especificamente as práticas disciplinares femininas. Também discuto a crítica de que Foucault se fia implicitamente em um corpo natural, provando que sua noção de corpo é multifacetada. Ele não nega a materialidade do corpo, nem que a materialidade do corpo

existe fora de uma estrutura disciplinar – em termos de conhecimento e práticas. As concepções de corpo disponíveis a nós são moldadas por essas grades disciplinares e estruturas interpretativas. Além disso, como *eu* corporificados, estamos situados no mundo em relação a uma variedade de práticas sociais que moldam não apenas nosso entendimento de nossos corpos, mas a materialidade de nossos corpos.

No capítulo 5, demonstro como as categorias normativas podem operar de modo a limitar e excluir. Primeiro, discuto isso com respeito à identidade dos debates políticos no feminismo. Depois, demonstro como as categorias normativas operam no nível do corpo examinando o tratamento histórico e contemporâneo de pessoas intersexuais. Finalmente, examino a questão da bissexualidade para mostrar como as categorias normativas são mantidas por um sistema de normas sociais que regulam o sexo e a orientação sexual. No capítulo 6, discuto as obras éticas de Foucault focando nas técnicas do eu. Essas técnicas objetivam a manutenção e transformação da identidade. Para ele, as práticas de si são caracterizadas por uma articulação, seja através da escrita, discurso ou práticas corporais. Práticas de si são sempre feitas com referência a um objetivo particular. Sugiro que a tomada de consciência pode ser vista como uma prática feminista de si, discutindo como a tomada de consciência como uma prática de si promove a transformação individual, bem como a coletiva. Considero também que a concepção de normas sociais de Foucault articula uma importante estrutura mediadora entre a identidade individual e as instituições sociais, políticas e legais. Essa ligação entre a identidade individual e as instituições sociais significa que a transformação de si não é simplesmente um objetivo pessoal, mas deve envolver mudanças na estrutura social e política. Essa sobreposição do ético e do político e a concepção do eu como corporificado e socialmente constituído são, creio eu, recursos teóricos importantes para o feminismo contemporâneo.

Até o momento, há três antologias que lidam com a relação entre feminismo e Foucault.⁴⁶ Nenhum filósofo do sexo masculino, desde Marx, chamou tanta atenção das feministas. Não havia questões sobre a utilidade política de Marx, embora as feministas se preocupassem com a questão da subordinação da mulher com relação à classe. Os limites para o engajamento feminista com Foucault são ainda maiores. A questão central para as feministas é se o pensador enfraquece a possibilidade de uma política emancipatória de modo geral. As paixões feministas são

tão perspicazes quanto as promessas e perigos da obra de Foucault. As antologias que exploram o relacionamento entre os dois fornecem um mapeamento do terreno desse debate. Embora as três antologias explorem a relação entre o feminismo e Foucault, os subtítulos são reveladores. A primeira publicação, *Feminismo e Foucault: Reflexos da Resistência*, é a mais positiva quanto à contribuição que a obra de Foucault pode dar à teoria feminista. *Levante contra Foucault: Explorações de Algumas Tensões Entre Foucault e o Feminismo* enfatiza as tensões entre eles. A terceira publicação, *Interpretações Feministas de Michel Foucault*, é dividida entre avaliações positivas e negativas. Começa com duas resenhas críticas influentes de Foucault, de Nancy Hartsock e Nancy Fraser. Enquanto essas críticas configuram o tom da recepção de Foucault pelas feministas, os demais ensaios exploram algumas das contribuições positivas que ele pode dar à teoria feminista, bem como as limitações na aplicação de suas ideias ao feminismo. Cada volume, como um todo, fornece uma perspectiva diferente à questão do relacionamento entre a obra de Foucault e o feminismo.

Classificar o relacionamento entre o feminismo e Foucault não é uma tarefa fácil. As feministas revolucionaram as concepções filosóficas tradicionais de conhecimento e do eu. Além disso, elas desafiaram diferenças de longa data entre mente/corpo, cultura/natureza e público/privado. Foucault também desafia muitas ideias filosóficas tradicionais, especialmente sua ideia de poder-saber, sua concepção do eu e seu desafio às normas universais. Apesar do desafio em comum a muitas das ideias centrais da filosofia tradicional, Foucault e o feminismo vivem em tensão e inquietude, na melhor das hipóteses. Enquanto alguns aspectos do feminismo desafiam as ideias filosóficas tradicionais, outros aspectos do feminismo ou diferentes abordagens feministas adotam ideias filosóficas tradicionais. Assim, o pensador serve de desafio a essas posições feministas.⁴⁷ Caroline Ramazanoglu percebe essa relação complexa entre o feminismo e Foucault: "As ideias de Foucault sobre poder, saber, o eu e sexualidade, por exemplo, não são compatíveis com as ideias feministas, sejam as mais simples, e sugerem problemas consideráveis no uso feminista desses termos". Não obstante, ela continua, "O feminismo não pode considerar ignorar Foucault, porque os problemas que ele levanta, as críticas que faz de teorias existentes e suas consequências políticas identificam problemas dentro e para o feminismo".⁴⁸ Sem dúvida, a obra do filósofo tem implicações para uma gama de tópicos importantes para

as feministas, incluindo questões de metodologia, métodos de investigação histórica e concepções de corpo, saber, poder, identidade, sexualidade, subjetividade, ética e política. Fazendo ecoar a afirmação de Ramazanoglu de que as feministas não podem considerar ignorá-lo, Susan Hekman diz: "Nem seus detratores, ou seus defensores, questionam que a perspectiva de Foucault fornece um desafio ao feminismo".⁴⁹

Não é apenas Foucault que apresenta um desafio ao feminismo em termos de redefinição de ideias filosóficas centrais; o feminismo também apresenta um desafio a Foucault. Sua quase total negligência ao gênero, a questões femininas, feminismo e especificidade sexual leva algumas pessoas a questionarem a relevância de sua obra para o feminismo. As feministas o acusam de cegueira quanto ao gênero e androcentrismo. Surpreendentemente, por todo o seu discurso sobre sexualidade, Foucault negligencia a questão da diferença sexual. Acusam-no porque mesmo em sua discussão de corpos ele não faz distinções entre os corpos masculino e feminino ou entre práticas disciplinares femininas e masculinas. Também é acusado de androcentrismo porque, quando disserta sobre diferença sexual – por exemplo, em sua discussão da formação do sujeito ético –, ele foca no sujeito masculino. Apesar de seu inegável androcentrismo, demonstro que a obra de Foucault fornece importantes recursos teóricos para o feminismo.

Uma maneira de julgar se uma teoria ou um teórico é bom ou não para o feminismo é acessá-lo em termos dos compromissos centrais do feminismo discutidos anteriormente: (1) recursos para mudanças políticas e sociais para pôr fim à subordinação da mulher, (2) relação entre teoria e prática, (3) relevância da experiência e (4) acessibilidade. Nas páginas seguintes, espero fornecer uma descrição acessível da obra de Foucault e demonstrar sua relevância prática. Acredito que ele fornece uma noção de sujeito que pode vir a ser útil para as feministas, e que sua ideia de normas sociais providencia uma ligação importante entre a experiência individual e a mudança social.

sujeitam aos papéis de gênero estereotipados, elas resistem às práticas disciplinares femininas. Talvez essa tensão entre reconhecer o efeito das práticas disciplinares e querer desestabilizar as categorias produzidas através delas seja uma das razões para que o próprio Foucault não enunciase as práticas disciplinares específicas de gênero em sua obra.

UMA CRÍTICA FEMINISTA FOUCAULTIANA AO CORPO EM FOUCAULT

Enquanto Bartky e Bordo estendem as ideias de Foucault na consideração dos efeitos das normas de gênero socioculturais sobre o corpo, Judith Butler utiliza uma abordagem foucaultiana das questões de gênero, sexo e desejo sexual. Em *Gender Trouble* (*Questões de Gênero*) Butler desconstrói a naturalidade das categorias de sexo, gênero e desejo fazendo uma genealogia. Sua genealogia expõe que essas categorias não são naturais, mas o efeito de formações de poder particulares. Seguindo Foucault ao assumir a inscrição cultural do corpo, Butler mostra como o sexo e o gênero vêm a ser escritos no corpo, em parte através dos gestos e expressões do corpo. Sua teoria performativa de gênero ilustra o produtivo aspecto do poder – categorias sexuais são produzidas e mantidas através de práticas sociais. Ademais, um dos ardis do poder é fazer com que essas categorias pareçam como se fossem naturais. Ela argumenta contra a reificação dessas categorias, descrevendo o gênero como “a fazer”.⁵² Ou seja, o gênero é produzido através de ações. Faz-se o próprio gênero. Gênero não é mais visto como a expressão cultural do sexo natural de alguém. Na verdade, Butler desafia a ideia de que sexo é natural, assumindo o discurso foucaultiano de que sexualidade produz sexo. Ela demonstra que as categorias de sexo, gênero e desejo se reforçam mutuamente. Cada uma dessas categorias é construída como binária e isso contribui para a normalização de indivíduos como adequados a uma ou outra categoria. Além disso, a filiação em uma categoria implica, presumidamente, filiação em um conjunto de categorias – se sexo feminino, então gênero feminino, e então o desejo pelo sexo oposto, isto é, o homem masculino. Butler desafia a hipótese de que há uma relação necessária entre essas categorias. Como ela descreve, esta presumida harmonia entre sexo, gênero e desejo é mantida pela instituição da heterossexualidade compulsória. Frequentemente argumentos contra a

homossexualidade apelam para a biologia ou natureza, mais frequentemente para o papel dos sexos na reprodução, para fortalecer sua crença em que a homossexualidade não é natural. Butler desafia não apenas a noção de que a homossexualidade é antinatural, mas também a distinção entre natural e cultural que fundamenta o argumento. A distinção sexo/gênero apoia-se na distinção natureza/cultura. Em uma jogada foudcaultiana ela inverte o relacionamento habitual entre sexo e gênero. Ela alega que é através da formação do gênero que o sexo é atribuído aos corpos. Assim, sexo e o corpo não mais parecem ser naturais. A implicação disso para o feminismo é a de que o corpo como o fundamento para a diferença sexual e a identidade sexual como o ponto de restabelecimento da política feminista são, ambos, desafiados. Dedico-me a questões de identidade no capítulo 5. Para a maioria das feministas, a materialidade dos corpos femininos tem um papel fundamental na política feminista. Afinal, é a diferença sexual que sublinha o papel maior da mulher na reprodução, sua maior vulnerabilidade ao estupro e a divisão sexual de trabalho, para citar apenas alguns pontos. Desafiar a materialidade dos corpos e a naturalidade do sexo parece enfraquecer, ao invés de promover, os interesses socialistas. De fato, esta é uma das objeções que as feministas radicais, bem como as feministas socialistas e críticas teóricas sociais feministas, têm ao pós-modernismo, tanto em sua versão feminista quanto na obra de Michel Foucault. Mas quais são as ramificações da visão do corpo como material, natural e sexuado?

Em *Bodies That Matter (Corpos que Importam)*, Butler elabora sua "teoria performativa de gênero", desta vez focando na forma como a materialidade dos corpos é produzida. Mais uma vez utilizando uma estrutura foudcaultiana, Butler fala sobre a questão da materialidade do corpo e a articulação do sexo. Butler elabora uma questão que levanta em *Gender Trouble*:

Dentro desses termos [os termos do debate sobre livre arbítrio e determinismo], "o corpo" aparece como um meio passivo sobre o qual são inscritos significados culturais ou como o instrumento através do qual um arbítrio apropriado e interpretativo determina um significado cultural para si mesmo. Em qualquer dos casos, o corpo é apresentado como mero *instrumento* ou *meio* ao qual uma série de significados culturais estão relacionados apenas externamente. Mas "o corpo" é em si uma construção, como são a miríade de "corpos" que constituem

o domínio dos sujeitos com gênero. Não se pode dizer que corpos têm uma existência significável antes da marca de seu gênero; surge, então, a questão: Em que extensão o corpo *vem a ser* na(s) e através da(s) marca(s) de gênero? Como reconhecemos o corpo não mais como um meio ou instrumento passivo à espera da capacidade inspiradora de um desejo distintamente imaterial?⁵³

Em *Bodies That Matter*, Butler começa respondendo a críticas da visão construcionista social do corpo e conclui em *Gender Trouble* com seu argumento de que sexo e gênero são construídos. Ela percebe que críticos atacam a visão construcionista do corpo a partir de duas posições contraditórias, alguns alegando que o construcionismo resulta no determinismo, enquanto outros argumentam que resulta em voluntarismo. Os que dizem que ele resulta em determinismo alegam que se sexo e gênero são construídos através do discurso, então não há espaço para a ação porque não há agente fora do discurso (isto se iguala à crítica feminista a Foucault que alega que se a subjetividade é produzida através do poder, a resistência àquele poder é impossível). Críticos que dizem que a posição construcionista social resulta em voluntarismo concordam que se gênero é uma realização, então alguém deve estar tornando-a possível. Butler discorda de que os críticos que acreditam que a posição construcionista social resulta em determinismo exageram o poder de discurso e linguagem, presumindo que eles geram e determinam não apenas significado, mas também o ser. Esta interpretação explica a posição construcionista social como monismo linguístico e idealismo linguístico. Para flexionar esta interpretação de construcionismo social, ela propõe voltar à noção de matéria, não como um substrato estável, mas como "um processo de materialização que se estabiliza ao longo do tempo para produzir o efeito de limite, firmeza e superfície que chamamos de matéria".⁵⁴ Em resposta aos críticos que "buscam certezas... de que há, minimamente, partes, atividades, capacidades, hormônios e cromossomos sexualmente diferentes [Butler quer] oferecer uma reafirmação absoluta a [seu] interlocutor, [mas] prevalece alguma ansiedade".⁵⁵ Seu argumento no restante de *Bodies That Matter* indica algumas razões para tal ansiedade. Ela se preocupa com que ao designar naturalidade a algumas coisas, mesmo atributos sexuais corporais, as coloque além da esfera de críticas e questionamento genealógico. Simplificando, se presumirmos que há corpos masculinos e femininos, podemos impedir questões sobre os critérios usados para a

classificação sexual. Butler segue Foucault no pensamento de que tudo tem uma história, incluindo corpos e matéria, e no pensamento de que essas histórias envolvem suporte político e lutas políticas.

Devido a restrições de tempo e espaço, não posso fazer justiça à análise bastante complicada de Butler das formas como os corpos são materializados. Uma de suas preocupações centrais é com a regulação e normalização de corpos; ela expõe a questão do por que alguns corpos importam – por exemplo, corpos de conformidade de gênero, heterossexual – e alguns corpos não – por exemplo, corpos homossexuais transgressores de gênero. Butler utiliza uma variedade de fontes, incluindo o feminismo francês, teoria psicanalítica, textos filosóficos tradicionais, teoria crítica social, literatura, filmes e pós-estruturalismo para formar seu argumento de que corpos e sexo são produzidos discursivamente. Ela retrata através de leituras de textos e filmes as formas como gênero e sexualidade regulam o corpo.⁵⁶ Ela alega que sua teoria de gênero como performatividade pode evitar os perigos semelhantes do determinismo e do voluntarismo. A teoria evita o voluntarismo porque performances de gênero são compelidas por normas sociais. E evita o determinismo porque a performance de gênero pode ressignificar ou reiterar as normas sociais para produzir novos significados. Butler usa a drag queen como um exemplo de transgressão de gênero em *Gender Trouble* e em *Bodies That Matter*. Em *Gender Trouble*, Butler alega que a drag como uma performance paródica de gênero subverte as normas de gênero. Mas algumas críticas feministas contestam o fato de que a drag tenha tanto a probabilidade de reescrever as normas de gênero quanto de subvertê-las, e outras pensam que o *cross-dressing* é uma anêmica forma de resistência e dificilmente qualificada como política. Butler admite em *Bodies That Matter* que a drag tem função ambivalente; pode servir para reescrever normas de gênero, bem como subvertê-las. Entretanto, ela afirma que ver todo gênero como drag é enfraquecer a heterossexualidade como normativa. É o que vejo como o coração de seu argumento tanto em *Gender Trouble* quanto em *Bodies That Matter* – o projeto político para feministas é desestabilizar e desnaturalizar todo o sistema sexo/gênero/sexualidade. Embora a drag como ato político possa parecer rebuscado para algumas feministas, os riscos social e político de controle das categorias de gêneros normativos são bastante claros. Como Butler menciona, não é apenas em textos e filmes que se veem a regulação de normas de gênero e o preço da transgressão de gênero. Crimes de

ódio contra lésbicas, gays e pessoas transgênero continuam a aumentar nos Estados Unidos. A regulação do sexo, gênero e sexualidade se torna mais aparente quando um indivíduo desafia as presunções normativas que circunscrevem a aparência e o comportamento apropriados.

Por adotar uma abordagem foucaultiana das questões feministas, classificaria Butler como uma feminista foucaultiana e muitas feministas se engajaram em seu trabalho para indiretamente criticarem Foucault.⁵⁷ Butler parece mesmo endossar o método genealógico de Foucault e usa algumas de suas noções centrais, como sua mudança na concepção de poder, mas ela não é, de forma alguma, totalmente concordante com Foucault. Na verdade, ela contesta a noção de corpo foucaultiana. Como discutido anteriormente, suas considerações sobre o corpo têm sido sujeitas a interpretações contraditórias: a visão naturalista e a visão da inscrição social. Alguns críticos dizem que sua discussão sobre o assunto oscila entre essas duas visões incompatíveis.⁵⁸ Eles se perguntam: Como pode o corpo ser sujeito ao poder, o objeto de práticas disciplinares, inscrito pela história, como Foucault diz, e ainda ser uma fonte de resistência? Discuti algumas das práticas disciplinares que o pensador associou com o ampliado controle do corpo no século XVIII. Sua visão de como o poder atua no corpo leva alguns à conclusão de que disciplinas e discursos moldam completamente o corpo e circunscrevem suas ações. Essa visão do corpo como determinado por forças sociais é obviamente inaceitável, como expressaram as críticas feministas Lois McNay e Sandra Bartky. A crítica de Butler à consideração do corpo foucaultiana difere ligeiramente da posição em que ele simplesmente apresenta uma consideração determinista do corpo. Ela diz que o filósofo parece apresentar o corpo por um lado como determinado pela cultura e por outro como naturalista, acusando-o de se apoiar explicitamente em um corpo pré-discursivo, não mediado pela cultura, um corpo natural.⁵⁹ Elizabeth Grosz faz uma alegação semelhante em *Volatile Bodies* (*Corpos Voláteis*). Ela diz: "Corpos e prazeres são os objetos e objetivos do poder. De certa forma, Foucault parece sugerir que eles são a preexistência do poder, que eles são ou podem ser a matéria-prima sobre a qual o poder trabalha e os locais para possível resistência às particulares formas tomadas pelo poder".⁶⁰ Ambas, Butler e Grosz, alegam que se a consideração do corpo foucaultiana é fundamentada em um modelo de inscrição social, então deve haver algo que escapa a essa inscrição para resistir.

INÍCIO DO
CAPÍTULO

CRÍTICAS!

Em "Foucault and the Paradox of Bodily Inscription" (Foucault e o Paradoxo da Inscrição Corporal), Judith Butler alega que a consideração do pensador sobre o corpo é paradoxal. Ela atribui a Foucault um modelo de inscrição corporal do corpo, em que o corpo é inscrito pela cultura e gravado pela história. Butler aponta que o modelo de inscrição corporal se fundamenta em algo que é inscrito; assim, se ele alega que o corpo é "a superfície inscrita de eventos... totalmente gravado pela história", ele deve se basear implicitamente em uma noção de um corpo natural ou pré-cultural.⁶¹ Butler levanta esta questão novamente em *Gender Trouble*, em que ela se baseia no ensaio de Foucault "Nietzsche, Genealogia, História". Ela discute as influências de Nietzsche sobre o pensador, apontando paralelos no entendimento de ambos da forma como a história produz valores culturais. "De certo modo, para Foucault, como para Nietzsche, os valores culturais emergem com resultado de uma inscrição no corpo, entendido como um meio, de fato, uma página em branco." Ela continua dizendo que a história sob este ponto de vista é figurada como um "instrumento de escrita inexorável".⁶² Butler argumenta que a visão de história foucaultiana implica que o corpo é de alguma forma anterior à história e perante a lei (da linguagem), ou seja, pré-discursivo. De fato, se Foucault não sustenta que o corpo é construído através do discurso, como parece em *A História da Sexualidade Vol. 1*, e se ele também mantém que o corpo de algum modo faz com que sua inscrição social preexista, então, sua visão é paradoxal. Entretanto, devo argumentar que o modelo de inscrição social não retrata adequadamente a consideração de corpo foucaultiana. A própria Butler volta atrás em suas críticas anteriores em *Bodies That Matter*, dizendo: "Às vezes parece que para Foucault o corpo tem uma materialidade que é ontologicamente distinta das relações de poder que assumem o corpo como local de investimentos. E também, em *Vigiar e Punir* temos uma configuração diferente da relação de materialidade e investimento. Ali a alma é tomada como um instrumento de poder através do qual o corpo é cultivado e formado. De certa forma, ela age como um esquema carregado de poder que produz e atualiza o próprio corpo".⁶³ Apesar dessa visão mais nuançada do que o pensador diz a respeito do corpo, Butler ainda encontra algumas limitações à visão de corpo em Foucault. Discutindo a obra recente de Slavoj Žižek sobre política e identidade, Butler concorda com ele em que, contrariamente a Foucault, "o sujeito não é um efeito unilateral de discursos anteriores" e ela ressalta que Žižek introduz um conceito do real

que está em contradição com "[...] o *linguisticismo* foucaultiano, construído como um tipo de monismo discursivo pelo que a linguagem efetivamente traz à existência aquilo que nomeia [...]".⁶⁴ Não fica muito claro se Butler está concordando ou criticando a visão de Žižek de Foucault como um linguista monista, mas sua crítica mais remota de Foucault, que alega que valores culturais são escritos ou inscritos no corpo e que o corpo é uma página em branco, sugere que ela concorda com esta visão. Além disso, ela se esforça para dissociar sua própria visão do monismo linguístico, o que ela argumenta ser um mau entendimento da posição construcionista social radical. Ela rejeita a posição atribuída a ela por críticos de que "o significado da construção se torna o do monismo linguístico, pelo qual tudo é apenas e sempre linguagem".⁶⁵ Em um trabalho mais recente, *The Psychic Life of Power* (A Vida Psíquica do Poder), ela parece estar defendendo Foucault também a partir desta interpretação: "A alegação de que um discurso 'forma' o corpo não é simples, e desde o início devemos distinguir como tal 'formação' não é o mesmo que uma 'causa' ou 'determinação', menos ainda uma noção de que corpos são de algum modo produzidos de discurso puro e simples".⁶⁶ E ela ainda mantém suas alegações anteriores de que Foucault se baseia implicitamente em uma noção do corpo que é pré-discursivo e ontologicamente distinto das relações de poder. "Embora Foucault queira de vez em quando refutar a possibilidade de um corpo que não seja produzido através de relações de poder, às vezes suas explicações requerem um corpo para manter uma materialidade ontologicamente distinta das relações de poder que o tomam como o local de investimento."⁶⁷ Acredito que a crítica de Butler de que Foucault mantém visões aparentemente paradoxais sobre o corpo repousa, em parte, em sua visão de que Foucault sustenta apenas um modelo de corpo de inscrição social. Além disso, acredito que sua interpretação da noção do corpo em Foucault tem contribuído para a rejeição feminista à mesma noção. Como discuti anteriormente, o modelo de inscrição social do corpo considera que valores são escritos ou inscritos no corpo. Esta ênfase na linguagem parece consistente com a alegação de Foucault de que os corpos são produzidos através do discurso, bem como de práticas disciplinares. E, até certo ponto, isto porque a língua, nomes e categorias de identidade todos têm papel importante no processo de individualização ou sujeição.⁶⁸ Mas, como apontei anteriormente, a noção de *dispositif* de Foucault, que é geralmente traduzido como discurso, se refere a uma variedade de práticas materiais e instituições sociais.

Embora muito certamente Butler saiba que para Foucault o discurso não significa simplesmente linguagem, às vezes seus escritos escondem este fato. Frequentemente no curso de um argumento ela usa "o simbólico" ou "(re)significação" como substituto para "discurso". O uso desses termos pode contribuir para que os leitores interpretem o discurso com o simples significado da linguagem. Adicionalmente, o próprio argumento de Butler para sua teoria performativa de gêneros é focado no poder constitutivo da linguagem. Ela se baseia na noção da performatividade dos atos de fala, de J. L. Austin, em que a elocução representa uma ação, como no caso de batismos, dedicação para navios e cerimônias de casamento. Butler também se baseia na noção de interpelação de Luis Althusser para alegar a construção discursiva de sexo, gênero e do corpo. A noção de interpelação de Althusser determina que sujeitos são produzidos por meio de abordagens, saudações ou nomeações, porque essas nomeações colocam o indivíduo em uma estrutura social relativa ao nome. Basta pensarmos no ambiente universitário e a prática de chamar o *colega de professor fulano de tal* quando falando deste colega aos estudantes.⁶⁹ Ao utilizar Austin e Althusser, Butler ajuda a explicar o papel constitutivo da linguagem na produção da subjetividade. E suas apropriações dos autores esclarecem como discursos de ódio e categorias normalizadoras sociais podem ser prejudiciais.

O poder da linguagem na constituição da identidade é uma visão foucaultiana importante para as feministas. Mas, como argumentam críticas feministas, preservar a materialidade do corpo também é. Como diz Susan Bordo: "E enquanto consideramos o corpo em drag como uma estrutura linguística abstrata e inusitada, como texto puro, podemos ser convencidos pela alegação de Butler de que o sistema de gêneros está sendo, de forma contínua, ludicamente desestabilizado e subvertido de dentro para fora. Mas subversão de presunções culturais (apesar das alegações de alguns desconstrucionistas) não é algo que acontece em um texto ou para um texto".⁷⁰ Mas a crítica de Bordo se aplica também a Foucault? Concluo adiante que não, porque sua consideração do corpo não é unicamente o modelo de inscrição social que Butler lhe atribui.

O modelo de inscrição social parece implicar que há algo ali, anterior à inscrição social. Nesse modelo normas culturais e sociais são vistas como "escritas no corpo"; o corpo é visto como inscrito, gravado, marcado. Elizabeth Grosz usa o exemplo de tatuagem e escarificação para discutir como a inscrição atua. Butler compara inscrição com escrita e usa a

metáfora do "corpo como uma página em branco". O modelo de inscrição cultural de Foucault pode ser válido para tais casos de inscrição física, ao mesmo tempo que também se refere às condições físicas e sociais que afetam o corpo, como meio ambiente, clima, dieta, regimes. A principal discussão de Foucault sobre o modelo de inscrição está em "Nietzsche, Genealogia, História", embora suas discussões mais extensas a respeito do corpo possam ser encontradas em suas obras genealógicas, *A História da Sexualidade Vol. 1* e *Vigiar e Punir*, bem como em seu trabalho anterior, *O Nascimento da Clínica*. O modelo de inscrição social que Butler e Grosz atribuem a Foucault é apenas parte da estória. A noção elusiva e complexa do pensador sobre o corpo oscila entre modelos de inscrição, internalização e interpretação. Ele utiliza vários verbos para descrever o poder do corpo – ele é marcado, gravado, moldado; ele é formado e treinado; ele responde e aumenta suas forças.⁷¹ Enquanto marcado e gravado significam adequação ao modelo de inscrição social, moldado se encaixa menos. E formar, treinar e responder evocam a ideia de alguma ação recíproca entre o corpo e o poder. Além disso, um corpo que aumenta sua força implica um corpo ativo, ao invés de um simples recipiente passivo de inscrição social e cultural. Uma consideração mais próxima de suas obras genealógicas revela que o modelo de inscrição não captura adequadamente as diferentes formas como Foucault fala sobre o corpo. A obra de Foucault sugere várias diferentes formas de se pensar o corpo, e não há qualquer motivo que nos leve a privilegiar a noção de inscrição social em detrimento das outras. Uma consideração mais ampla das ideias de Foucault sobre o corpo é importante para aferir a contribuição de sua obra para uma articulação feminista do corpo.

Embora Foucault não use o termo internalização, e provavelmente o evitaria por sua conotação psicológica, acredito que ele capture uma das formas como Foucault fala sobre o corpo. Os vívidos retratos das práticas disciplinares desenvolvidos por Foucault em *Vigiar e Punir* são melhores pensados em termos de um modelo de internalização. Ao falar sobre o corpo útil como o produto de poder disciplinar, Foucault diz que ele é "manipulado, moldado, treinado, [ele] obedece, responde, torna-se hábil e aumenta suas forças".⁷² Percebiam a gama de significados transmitidos por essa única frase. Enquanto ser manipulado e obediente evoca imagens de um corpo passivo, treinado e respondível se fiam em algum tipo de corpo ativo, capaz de internalização. Essa ideia do corpo como ativo é

PODER

POSITIVO.

ainda mais aparente quando o corpo é descrito como se tornando hábil e aumentando suas forças. Treinamento e disciplina se adéquam ao modelo de internalização, ao invés da inscrição. Disciplina e práticas disciplinares, como discutidas por Foucault, são exercícios de poder no corpo de formas particulares. Em geral, suas descrições de disciplina e treinamento se baseiam na internalização do corpo. A internalização ocorre através de repetidas ações que resultam em habituação. Enquanto a disciplina dispensada a prisioneiros e militares pode constranger o corpo e limitar suas possibilidades, a mesma disciplina pode funcionar de modos a aumentar o poder do corpo, isto é, suas forças e habilidades. Anteriormente, discuti a prática da musculação feminina como uma forma de resistência. Se olharmos para a prática do levantamento de peso em geral, podemos ver como a disciplina funciona ambivalentemente. Por um lado, praticantes de musculação podem simplesmente estar tentando alcançar uma forma muscular para adaptar-se a uma ideia cultural. Por outro lado, engajar-se na prática de levantamento de pesos também pode aumentar as forças do corpo, em termos de força e resistência, e desenvolve uma nova gama de habilidades específicas à prática do levantamento de pesos. A disciplina, então, funciona de forma ambivalente, como o poder, de um modo aumentando as capacidades dos indivíduos e de outro impondo limites.

Foucault discute especificamente os exercícios como uma forma de disciplina: "Exercício é a técnica pela qual se impõem ao corpo tarefas que são repetitivas e diferentes, mas sempre graduadas... A ginástica, tendo se tornado um elemento na tecnologia política do corpo e de duração, não culmina em evolução, mas tende a ir em direção a uma sujeição que nunca atingiu seu limite".⁷³ A disciplina progride em direção a um objetivo, o objetivo da produção do individual moderno. Para que a disciplina alcance seu objetivo de produzir corpos úteis e dóceis, o corpo deve internalizar suas demandas. Foucault, por exemplo, discute a postura militar como um exemplo do exercício do poder disciplinar. O soldado adota certa postura como resultado de demandas, diretrizes e exercícios específicos. A princípio essas diretrizes podem ser reforçadas através de força física e ajustes. Mas, como Foucault deixa claro ao longo de sua discussão de práticas disciplinares, sua característica distinta é a forma como atuam insidiosamente sobre os corpos, permeando-os e recebendo a maioria do poder da subsequente autorregulação dos corpos. Em nenhum outro lugar isso está tão claro quanto na discussão de Foucault

PANÓPTICO

sobre vigilância em *Vigiar e Punir*. A vigilância, ou olhar disciplinar, foi encontrada especialmente em hospitais, asilos, prisões, escolas, orfanatos, fábricas e urbanização de áreas habitadas pela classe trabalhadora. O olhar disciplinar foi possível através de algumas inovações na arquitetura, "uma arquitetura que atuaria na transformação dos indivíduos: para agir naqueles a quem abriga, para limitar sua conduta, para levar os efeitos do poder diretamente a eles, para tornar possível conhecê-los, para alterá-los".⁷⁴ Edifícios foram preparados com janelas e repartições (ao invés de paredes) para facilitar a vigilância. Em fábricas e escolas, estações de trabalho e carteiras foram arranjadas em corredores compridos em salas amplas com o gerente ou professor mantendo o olhar atento de sua sala em frente. Mas a vigilância não termina com um supervisor, ela era parte de uma rede de poder: "Também era organizada como um poder múltiplo, automático e anônimo: pois, embora a vigilância repouse sobre indivíduos, ela funciona como uma rede de relações de cima a baixo, mas também, de certo modo, de baixo para cima e lateralmente; essa rede 'segura' o todo junto e a atravessa em sua totalidade com efeitos de poder que derivam de um para o outro: supervisores e perpetuamente supervisionados..."⁷⁵ A difusão do olhar disciplinar resulta em automonitoramento. Nunca sabemos quando estamos sendo observados, então agimos como se estivessemos sob vigilância e ajustamos nosso comportamento ao adequado. O infame exemplo desse sistema dado por Foucault é o pan-óptico de Bentham.⁷⁶ Os projetos para essa prisão exigiam uma torre de guarda central com prisioneiros em celas ao redor. As paredes das celas viradas para a torre de guarda seriam transparentes, assim os prisioneiros seriam visíveis aos guardas o tempo todo. A estrutura seria montada de forma que, embora os prisioneiros estivessem sempre visíveis, os guardas não estariam, para que os prisioneiros nunca soubessem se estavam ou não sendo vigiados. Assim, os presos nas celas monitoravam seus próprios comportamentos (presumidamente para atender as expectativas dos guardas, caso estivessem observando). Vigilância é uma forma significativa de poder disciplinar, mesmo a menor ameaça dela causa a alteração de comportamento, ações, e a "transformação de si" de indivíduos. Vigilância impacta o comportamento, corpos. Embora ela comece a partir de "fora" através do olhar disciplinar do guarda, professor ou chefe, parte de sua eficácia se deve à sua interiorização através do automonitoramento do indivíduo sob vigilância.⁷⁷ O modelo de internalização apreende esse processo

muito melhor do que o modelo de inscrição. O que chamo de modelo de interpretação corresponde ao que Foucault denomina corpo inteligível. O corpo inteligível é o corpo como um objeto de conhecimento interpretado através de discursos disciplinares, como a biologia, a fisiologia, a psiquiatria e a medicina. Como ele descreve, o conhecimento do corpo é inseparável do investimento de poder no corpo: "Se tem sido possível constituir um conhecimento do corpo, isso tem acontecido por meio de um conjunto de disciplinas militares e educacionais. Foi com base no poder sobre o corpo que um saber fisiológico e orgânico do mesmo se tornou possível".⁷⁸ De acordo com Foucault, o corpo útil e o corpo inteligível são modos distintos, mas sobrepostos, de compreender o corpo.⁷⁹ O conceito de corpo útil lida com o corpo em termos de submissão e uso; o conceito de corpo inteligível lida com o corpo em termos de funcionamento e explicação.⁸⁰ Embora o pensador faça uma distinção entre os corpos inteligível e útil, há uma relação clara entre essas formas de entender o corpo. Corpos estão sempre já investidos de significados culturais e os significados culturais gravados no corpo têm efeitos físicos e políticos reais.

Enquanto *Vigiar e Punir* trata essencialmente do corpo útil, *O Nascimento da Clínica* e *A História da Sexualidade Vol. 1*, bem como partes de *A História da Sexualidade Vols. 2 e 3* tratam principalmente sobre o corpo inteligente. *O Nascimento da Clínica* traça o desenvolvimento da ciência médica e as correspondentes mudanças no entendimento do corpo. Foucault descreve seu projeto como histórico e também crítico.⁸¹ Ele discute as mudanças na medicina e o modelo médico no contexto de mudanças políticas, legais, religiosas e tecnológicas. Ele traça a mudança no entendimento da doença, do modelo nosológico – que entendia a doença em termos de categorias e essências – para o modelo de anatomia patológica – que entendia a doença em termos de sintomas imediatos e seus efeitos visíveis.

A medicina também criou novos entendimentos do corpo; como o lôcus da doença, como o objeto da vigilância médica, como mistério, como tecidos, como sistema orgânico, como objeto tátil, como objeto visível e como histórico de caso.⁸² Com o advento do histórico de caso, um discurso do indivíduo se tornou possível. A prática de fazer uma série de perguntas para estabelecer a natureza do problema é uma parte integral da mudança no entendimento médico: de categorias (nosológico) para a descrição (patológico). O interesse de Foucault no indivíduo como um caso continua

em sua obra genealógica. Em *Vigiar e Punir* ele discute o exame como uma prática disciplinar. A ênfase na escrita e documentação que acompanhava o exame resultava em um novo tipo de conhecimento do indivíduo:

a constituição do indivíduo como um objeto descritível, analisável [...] um caso que constitui, ao mesmo tempo, um objeto para uma ramificação do saber e uma pausa para uma ramificação de poder [...] é o indivíduo como deve ser descrito, julgado, medido, comparado a outros, em sua individualidade própria; e é também o indivíduo que tem que ser treinado ou corrigido, classificado, normalizado, excluído etc.⁸³

E em *A História da Sexualidade Vol. 1* ele destaca o surgimento de “um mecanismo completo para especificar, analisar e investigar [a sexualidade]”.⁸⁴ Essa documentação do indivíduo como um histórico de caso foi totalmente médico, científico e psicológico, pelo menos no que diz respeito a questões do corpo, como sexo e doenças. O conceito de corpo inteligível de Foucault, portanto, inclui o corpo como entendido e representado através de vários discursos e práticas disciplinares. Ele chama a atenção para a forma como o poder atua nessas representações e entendimentos do corpo. Essa preocupação certamente é compartilhada por feministas que, como Foucault, são críticas ao modelo médico tradicional e à profissionalização da medicina. As feministas desconfiam do poder que acompanha as representações do corpo. Representações biológicas e médicas do corpo são profundamente influenciadas pelas hipóteses culturais predominantes. Há muitas análises feministas das formas nas quais as representações do corpo refletem nossas hipóteses culturais, desde os clássicos *Our Bodies, Ourselves* até *The Woman in the Body: A Cultural Analysis of Reproduction*, de Emily Martin, ou ainda em *Myths of Gender*, de Anne Fausto-Sterling, e, mais recentemente, *Sexing the Body*, da mesma autora.⁸⁵

Muitos críticos de Foucault atribuem significado especial à resistência do corpo.⁸⁶ De fato, o grito de guerra deste autor por novas formas de “corpos e prazeres” gerou diversos projetos, da defesa de práticas sadomasoquistas e musculação para gays como projetos de transformação política, à jardinagem e dança em grupo como *ascese* da transformação de si.⁸⁷ Alguns críticos, entretanto, têm problemas com o privilégio de corpos e prazeres como um ponto de resistência. As feministas Judith

Butler e Elizabeth Grosz parecem presumir que, para considerar o corpo um ponto de resistência, ele deve, de alguma forma, escapar da inscrição cultural.

O apelo de Foucault por corpos e prazeres como um ponto de resistência se fundamenta em algum momento utópico fora do discurso, instituições e práticas? Parece não haver razão para interpretar a promoção de corpos e prazeres de Foucault como utópica, baseada em alguma noção de um corpo natural. Para o filósofo, resistência coincide com poder: "Elas [as resistências] são os termos ímpares nas relações de poder; são inscritos por último como um oposto irreduzível. Consequentemente, também são distribuídas de modo irregular: os pontos, laços ou focos de resistência são espalhados ao longo do tempo e espaço em variadas densidades, às vezes mobilizando grupos ou indivíduos de maneiras definitivas, *inflamando certos pontos do corpo* (ênfase da autora), certos momentos na vida, certos tipos de comportamento".⁸⁸ Ele continua a dizer que a resistência é intrassubjetiva, ela desmarca "regiões irreduzíveis" em indivíduos, "em seus corpos e em suas mentes".⁸⁹ Resistência, quando acontece, se manifesta dentro e através do corpo. Acontece tanto através do corpo individual quanto do coletivo, do corpo social. Quase no final de *A História da Sexualidade Vol. 1*, Foucault sugere que pensemos na possibilidade de uma "diferente economia de corpos e prazeres". Presumivelmente, essa diferente economia de corpos e prazeres emerge de nossa situação atual e promove novos discursos, saberes e práticas. Na verdade, ele nos exorta a reverter sexo e sexualidade, tentando refutar o desenvolvimento da sexualidade. Essa reversão só pode acontecer contrariando-se a "pressão do poder com as reivindicações dos corpos, prazeres e saberes, em sua multiplicidade e sua possibilidade de resistência".⁹⁰ Esses múltiplos saberes, corpos e prazeres trabalham juntos como um possível local de resistência. Corpos e prazeres não ficam de fora dos discursos que os produzem. Não obstante, não há qualquer discurso abrangente que determine os limites e possibilidades de corpos e prazeres. Embora Foucault não forneça um mapa que descreva como esses corpos e prazeres deveriam ser, ele oferece algumas ferramentas para pesquisa e critica os discursos culturalmente dominantes disponíveis. Ele nos pede para irmos além do "sexo-desejo" para corpos e prazeres. Sua discussão de como poder e normalização operam através do discurso de sexualidade aponta possibilidades de resistência.